LISBOA E PORTO: P

O PORTO TEM SERRALVES? LISBOA TEM A TAPADA DA AJUDA? MÃOS ÀS OBRAS! NA TAPADA PRETENDE-SE EDIFICAR UM «HOSPITAL» PARA GADO DOENTE. EM SERRALVES PROJECTA-SE SUBSTITUIR A HORTA POR UM MUSEU

QUALIDADE DEVIDA

Texto de LUÍSA SCHMIDT

LISBOA e Porto, que tanto cultivam os seus despiques, encontram-se por ora irmanadas num ruim destino comum. Apesar de ambas possuírem patrimónios inestimáveis sob o ponto de vista histórico, cultural e ecológico — a Tapada da Ajuda e a Quinta de Serralves —, ambas se preparam para as mutilar.

Mais grave ainda, não são as aduncas unhas dos interesses imobiliários, mas, paradoxalmente, aqueles de quem se esperava o mais subido exemplo nesta matéria que se preparam para o fazer: as elites culturais e universitárias.

No Porto, a Fundação de Serralves prepara-se para destruir uma horta para aí edificar um museu. Lisboa desce mais baixo. A Universidade Técnica prepara-se para arrasar um hectare de mata da Tapada da Ajuda para aí edificar, pasme-se, esse equipamento tão «útil» à vida urbana como é um hospital para gado!

O grotesco do caso de Lisboa não diminui a gravidade do caso do Porto. É que a horta não é um caso menor.

AROMAS E PINTURA MODERNA

SERRALVES, uma quinta de recreio dos anos 30, obra do então conde de Vizela, é, segundo projectistas de grande prestígio internacional, um conjunto único na história da arte contemporânea de jardins.

Além da casa-museu, em Serralves há 18 hectares de jardins, lagos, bosques, alamedas, campos de jogos, roseirais, campos de cultivo — e a célebre horta. Esta é uma construção notável situada estrategicamente na cabeceira de uma linha de água, estruturada não só em função do abastecimento alimentar, mas também por razões ornamentais e recreativas. Destaque-se a sua colecção rara de plantas medicinais e aromáticas. O seu sistema de canteiros, irrigação e drenagem foi alvo de um cuidadoso trabalho de restauro ainda há bem poucos anos, e o seu interesse paisagístico até se projectou internacionalmente. Em seu redor desenvolveu-se um dos mais interessantes, originais e bem conseguidos projectos de educação ambiental, por iniciativa da arquitecta paisagista Teresa Andersen, e continuado por Teresa Marques, actual directora do parque.

A Festa dos Espantalhos, por exemplo, uma das mais participadas iniciativas de Serralves, já se tornou um «must» que entusiasma não só as crianças que vêm montar e ver os espantalhos, mas também os intelectuais que lá vão apreciar a «arte efémera na paisagem». Ali se reúnem anualmente escolas de todo o País e milhares de crianças. Os prémios para os melhores espantalhos são aves e produtos da horta...

A horta não é, assim, um arcaico e rústico resquício no meio das alamedas do parque e da notável fundação. É um dos seus elementos valiosos e, aliás, um dos mais visitados.

Por que razão terá ela de ser arrasada para que a cidade do Porto tenha o muito merecido Museu Nacional de Arte Contemporânea? Não haverá lugar alternativo?

Não passa pela cabeça de ninguém suspeitar sequer que **gente** culta e brilhante como Siza Vieira — o autor do projecto — e a prestigiada administração de Serralves façam da horta o mesmo juízo que faz um pato-bravo suburbano. Se põem a hipótese de substituir um património por outro, é porque se encontram entre a espada e a parede. Ou museu ou horta.

Mas terá de ser decepado o dedo se para salvar o anel? Não haverá mesmo alternativas?

Teresa Andersen defende que **«a horta deve permanecer, e o museu deve ser construído»**, pois, tal como escreve na «Tribuna» do «Público», há outros **«espaços disponíveis»**. Até porque o programa inicial do museu previa que ele se construísse ao lado da casa, no terreno primitivo dos pais do conde. O próprio presidente do Conselho Consultivo do parque, o engenheiro e paisagista Ilídio Araújo, manifestava no «Jornal de Notícias», em Novembro passado, desacordo com a localização do museu. A este propósito, comentou: **«Se estivéssemos num país como a Inglaterra, onde existe uma outra consciência e compreensão deste tipo de problemas, tudo seria diferente. Em Portugal, tal não acontece. Ando há mais de 40 anos a preocupar-me com a paisagem portuguesa** (...). **Tenho impressão que só quando não houver nada para destruir é que vamos acordar.»**

Um grupo de arquitectos paisagistas do Porto que conhece bem o parque de Serralves nem quer acreditar que, depois de salvo pelo Estado, em 1987, da especulação imobiliária, o parque seja agora vitimado pelo próprio salvador.

Ninguém põe em causa a importância do novo museu. O que não parece admissível é que ele custe a notável horta do parque de Serralves.

TAPADA COM VACAS

QUANTO à Tapada da Ajuda, talvez a maior riqueza do património histórico-natural de Lisboa, possui um centro universitário, vários laboratórios de experimentação, um observatório astronómico, uma granja pedagógica e uma autêntica reserva botânica e agrícola onde vivem perdizes, toutinegras, e até garranos do Gerês. Na Tapada semeia-se, cultiva-se, colhe-se e aprende-se.

Não bastassem as «garfadas» dadas em Monsanto para a instalação do pólo universitário da Ajuda, mais as respectivas urbanizações para «rentabilizar» o ensino; não bastassem as tentativas atravessar a tapada com a famigerada Via de Meia Encosta, vem agora, pela mão da própria Universidade Técnica, iniciar-se o abstruso processo de localização no que já hoje é património de um estábulo para gado doente.

Se não fosse revoltante, o caso até daria vontade de rir.

Não basta já que a quase totalidade dos funcionários da Agricultura do País trabalhe em Lisboa e não no campo; que as principais escolas sejam em Lisboa e não

VAIS NA INCÚRIA

ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

no Alentejo ou Trás-os-Montes; agora até o gado doente é em Lisboa que se cura?

Eis mais um lindo servicinho que se presta aos agricultores portugueses: a sua vaca está doente? O porco anda com maleitas? Deu um andaço na mula? Toca a abalar para Lisboa, que lá é que as bestas ficam boas...

Há-de ser bonito encontrar nos engarrafamentos da ponte sobre o Tejo, por entre fatigadas carreiras suburbanas e exasperados automobilistas, aqui e acolá, as camionetas de gado moribundo, esperando a sua vez de chegar ao Alto de Santo Amaro. Vão para tratamento...

Este inadmissível processo de assalto à tapada, que já se arrasta desde 1989, tem vindo a sofrer sucessivos avanços e recuos. O actual Conselho Directivo exige que a área cedida não ultrapasse os 7.500 metros quadrados estipulados em protocolo anterior (apesar dos 13.000 pretendidos) e tenta que, pelo menos, **«o estábulo para o tal gado doente se desloque para outra zona, fora de Lisboa. Até porque se trata de um projecto higiénica e funcionalmente desaconselhável»** — diz José Manuel Abreu, director da tapada.

Definitivamente, em Portugal as bestas andam mesmo com mau olhado. Ele é o contrabando, ele são os matadouros e ele poderá ser qualquer dia este lindo «hospital de vacas» ali mesmo em bom sítio, entre o Bairro do Casalinho, o pólo universitário e a Tapada da Ajuda.

Esta situação chegou onde chegou pelo efeito perverso duma suposta autonomia universitária. Confundindo autonomia com soberania e habituadas a tomar decisões olimpicamente sobranceiras quanto aos seus edifícios, certas universidades bem se têm espalhado ao comprido. Veja-se o edifício do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), que quase fez desabar a Rua Miguel Lupi em S. Bento, e as torres descomunais do Técnico. E agora esta chaga do novo pólo universitário do Parque de Monsanto a querer entrar pela Tapada da Ajuda.

A Câmara Municipal de Lisboa, embora não tenha responsabilidades administrativas directas nestes casos, bem que podia e devia acautelar melhor o interesse dos seus munícipes. Um prédio não existe só para dentro, ▶

«Hospital» para gado planeado para a Tapada da Ajuda: a sua vaca está doente? O porco anda com maleitas? Deu um andaço na mula? Toca a abalar para Lisboa que é lá que as bestas ficam boas...

Por que razão terá a horta de Serralves de ser arrasada para que a cidade do Porto tenha o muito merecido Museu de Arte Contemporânea? Não haverá mesmo lugar alternativo? Terá de ser decepado o dedo para se salvar o anel?

▶ também existe para fora. Não é só a protecção da tapada que está em causa, também a das áreas vizinhas.

«CARNE» PARA BETÃO

O QUE estes dois casos proclamam é a mesma maneira troglodita de assumir os espaços verdes em contexto urbano. Uma ideia que os patos-bravos parecem ter conseguido fazer vingar até nalgumas consciências mais doutas. Espaço verde, por cá, é igual a espaço vazio, igual a «carne para betão». Ou seja, fica disponível para obras.

E contudo, hoje em dia, em muitas cidades europeias como Berlim, Paris, Roterdão, Londres ou Viena, procura-se a qualquer preço espaços para «zonas de recreio activo» ou paisagens de uso múltiplo, onde, além dos aspectos estéticos e ecológicos, se multiplicam vários tipos de actividades pedagógicas e lúdico-produtivas.

Para o cidadão urbano da actualidade, o jardim e o parque já não são simples «décors» vegetais para repousar do «stress» urbano; são espaços naturais construídos, onde é possível desenvolver actividades de jardinagem, de agricultura, de ensino e aprendizagem.

«A ideia central é a paisagem global de usos múltiplos, criando um sistema articulado e contínuo de espaços onde exista vegetação de vária ordem: alamedas de árvores, jardins, parques urbanos e agricultura. É isso que se está a incentivar em todo o mundo, por razões pedagógicas, culturais e de saúde» — explica o arquitecto Ribeiro Telles. **«É o que estamos a fazer no Seixal.»**

O objectivo destas propostas é assegurar que o futuro seja «vivível» nas já asfixiantes urbes. Nada mais lógico. Trata-se de uma necessidade absoluta da modernidade do séc. XXI e não de um revivalismo.

Portugal, a quem não falta uma notável tradição de arquitectura paisagista — basta pensar no próprio Ribeiro Telles e em Caldeira Cabral —, insiste em puxar para trás a carroça da Europa. Tem o Porto Serralves? Tem Lisboa a Tapada da Ajuda? Mãos «às obras»!

«Quem é que em Paris se lembraria de começar a ratar o Bois de Bologne? São coisas que já nem se discutem; são factos adquiridos. Está-se a discutir é a criação de novos espaços, novos parques...» — ainda Ribeiro Telles.

CORRIJAM-SE OS ERROS

TRATANDO-SE de dois conjuntos únicos, a Tapada da Ajuda e a Quinta de Serralves não podem deixar de ter também estatutos excepcionais.

Não se vai substituir a Torre do Clérigos por uma antena, nem instalar um «fast food» na Torre de Belém (é melhor não dar ideias...).

O património natural é tão património quanto o monumental e, muitas vezes, bem mais frágil. Daí exigir mais rigor e cautela. O muro da Tapada da Ajuda é uma necessidade absoluta que nunca deveria ser posta em causa.

As obras ainda não estão feitas, apesar de na tapada já estar limpa uma clareira e apontada a obra. Em Serralves está pronto o projecto de Siza Vieira, e é sabido que um projecto não se transpõe à balda de um sítio para o outro. Mas será esta talvez a última ocasião em que, apesar dos custos inerentes à reversão dos processos, se poderão evitar os erros e futuros clamores. ■